

Mariana Coelho Rodrigues

**A Influência da Família e da Escola na
Dificuldade de Aprendizagem**

Faculdade de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica – São Paulo
2008

Mariana Coelho Rodrigues

**A Influência da Família e da Escola na
Dificuldade de Aprendizagem**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial da graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a. Dra. Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro.

Faculdade de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica – São Paulo
2008

Aos meus pais, aos meus irmãos, aos meus
sobrinhos e aos presentes, mesmo que
distantes e ausentes da minha família.

Agradecimentos

Aos meus pais que nunca permitiram de eu desistir dos meus sonhos. A meus irmãos e família pelo carinho, companhia, incentivo, confiança que demonstraram ter durante esses anos.

Aos meus sobrinhos Mia Yumi e Gabriel que nutrem a minha vida de esperança.

Ao meu namorado que depositou toda confiança e força para eu alcançar os meus objetivos.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes.

À professora Dra.Marilda Ribeiro que confiou no meu trabalho, que aceitou orientar essa monografia, proporcionando discussões e aprendizado.

À prof^a Eloísa Penna pelas discussões, co-orientação e por se dispor a ler meu trabalho.

À minha Psicóloga Quézia Bombonato, que sempre orientou o meu caminho e ajudou a transformação do aprendizado da minha vida.

Sumário

1 Introdução.....	1
1.1 Psicologia Analítica.....	1
1.2 Dificuldade de Aprendizagem.....	12
2. Metodologia.....	16
3.Resultado e Discussão	19
3.1 Caso I.....	19
3.2.Caso II.....	29
4. Considerações Finais.....	41
5. Bibliografia.....	45
6. Anexo.....	46

1.Introdução:

1.1 Psicologia Analítica:

A Psicologia Analítica foi estruturada por Carl Gustav Jung, médico - psiquiatra suíço que desenvolveu a maior parte de seu trabalho na primeira metade do século xx, em Zurich, na Suíça. Os conceitos dessa teoria são muito complexos para serem delineados por meros enunciados. É necessário vivenciar e refletir, para que se possa aprendê-los.

Jung estudou o desenvolvimento da psique na etapa que ele caracterizou como a “segunda metade da vida” a partir da idade adulta. Outros seguidores como Neumann, Fordham, Carlos Amadeu Botelho Byington, estudaram a etapa inicial, a adolescência e o começo da vida adulta.

Silveira (1997) afirma sobre a psique: *“Pode-se representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge pequena ilha (consciente)”* (p.63).

Jung ampliou o conceito de inconsciente. Para ele, o inconsciente é somente um local de repressão e também nutrido pela criatividade, por promover sintomas, sinais e sonhos. Classifica-se o inconsciente em inconsciente pessoal e coletivo.

O inconsciente pessoal é a camada mais superficial cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. Onde se encontram os grupos de representações de fortes potenciais afetivos, incompatível com as atitudes da consciência (complexos). Já a camada mais profunda denominada inconsciente coletivo tem, como características, propriedades inatas, os arquétipos, potenciais psíquicos vividos pela humanidade desde seus primórdios.

Segundo Jung, apud, Silveira (1997), *“Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todos as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum. Chamei a este de substrato inconsciente coletivo”* (p.64).

Um conceito importante a ser destacado na teoria Analítica é o conceito de Arquétipo. A palavra significa [arque (antigo) – tipo (padrão)]. Portanto, são imagens universais e originárias que residem no inconsciente coletivo, desde primórdios da humanidade. São elas que dão a base para os comportamentos que cada etapa da vida exige.

Como diz Stein (1998) *“Para cada etapa da vida existem tais constelações de instinto e arquétipo, as quais resultam em padrões de comportamento, sentimento e pensamento”* (p.154).

O arquétipo é organizador de processos de relacionamentos e inclui polaridades. Pode ser bom ou mau, construtivo ou destrutivo, depende de como o processo de elaboração simbólica ocorre. Essa vivência individual e arquetípica é nomeada como complexo que se caracteriza em agrupamentos com situações de conflitos, que estão carregadas afetivamente.

Como diz Jung, apud, Sargo (2000).

“Afora as recordações pessoais, existem em cada indivíduo as grandes imagens [primordiais] (...), ou seja, a aptidão hereditária da imaginação humana de ser como era nos primórdios. Essa hereditariedade explica o fenômeno de alguns temas e motivos de lendas se repetirem no mundo inteiro de forma idêntica. (p.34)”.

Jung chamou de processo de individuação, o desenvolvimento da personalidade. É caracterizado por um movimento contínuo em circunvolução, ocorrendo quando o indivíduo vai em busca do conhecimento de si mesmo por meio do contato mais profundo com o inconsciente e o mundo. É o resultado da auto-regulação dos opostos, de uma

relação dinâmica e dialética do Consciente e Inconsciente. Dessa maneira surgindo a possibilidade de assumir um compromisso com o meio social.

A palavra “persona” em latim significa máscara. É o modo como a pessoa se comporta nas diferentes situações e estrutura seus papéis na vida. Por exemplo: papel de filho, aluno, amigo, mãe, professor entre outros.

A “persona” é uma expressão da nossa individualidade. Tem função na adaptação com o meio social e coletivo.

À totalidade psíquica, Jung chamou de Self. É a partir dessa organização que é o centro, fonte de todas as imagens, arquétipos e de todas as tendências inatas para aquisição de estrutura, ordem e integração. Como diz Sargo (2005): *“O self inicia a organização do desenvolvimento da consciência através da ativação dos arquétipos parentais que são padrões de funcionamento psíquico”* (p.49)

Para Jung, símbolo é um elemento de ligação entre o inconsciente e a consciência. É um fenômeno psíquico possível de ser analisado e ele contém mensagens que são expressas por imagens, que mobilizam alguma emoção.

Segundo Brasil (1989)

“Os símbolos são fortes, constituem o cerne de nossa vida imaginativa, revelando segredos, conduzindo-nos aos recônditos do espírito humano. A expressão simbólica manifesta-se seja de dia ou de noite, através de nossa linguagem verbal, corporal e onírica, dando forma aos nossos anseios, desejos, temores e empreendimentos”. (p.25)

A estruturação da consciência individual e coletiva se dá a partir de quatro ciclos arquétipos: matriarcal, patriarcal, alteridade e cósmico. Cada um recebe influência de determinado arquétipos como: arquétipo da grande-mãe no ciclo matriarcal, arquétipo do pai no ciclo patriarcal, arquétipo da anima e animus e o arquétipo da sabedoria.

Como diz Sargo (2000):

“Byington (1987) nomeou de dinamismo psíquico ou ciclos os períodos da vida em que estes arquétipos são ativados na consciência. Usou o termo “dinamismo” ou “ciclos”, pois esses arquétipos, embora sejam mais mobilizados em determinados momentos da existência humana, permanecem vivos, ou seja, possíveis de serem ativados em qualquer momento da vida” (p.34).

Esse trabalho utiliza os conceitos, a saber: os dinamismos matriarcal e patriarcal regidos pelo arquétipo da grande mãe, do pai e do mestre - aprendiz e o processo de individuação.

O dinamismo matriarcal (fase mágica) se caracteriza por uma consciência próxima ao inconsciente. Não se tem uma diferenciação do eu em relação ao outro, fora ou dentro e sim uma totalidade. Está explícita uma identidade pré-verbal e funcional simbiótica. Só existe o aqui e o agora, os acontecimentos não são programados e sim acontecem e são movidos pela natureza.

Como diz Whitmont (1991) *“O comportamento mágico é pré-moral ou amoral, da mesma forma como é pré-consciente segundo nosso padrão de consciência. O indivíduo é um membro do rebanho, participante e beneficiário ou vítima de um processo não pessoal cujo padrão é grupal”*.(p.65)

A perda ou a inexistência do grupo que nutre, protege, dá segurança, que transmite afetividade pode caracterizar morte física ou distúrbios na vida como: doenças, traumas psíquicos, dificuldades. Quando isso acontece é ativado o lado negativo do arquétipo.

Esse dinamismo é primordialmente influenciado pelo arquétipo da grande mãe, que tem

como padrão propiciar segurança, proteção e sobrevivência. Os símbolos são: fertilidade, sensualidade, emoção, nutrição e procriação, afetividade, contato corporal.

O símbolo estruturante nessa fase é o alimento que a criança precisa para se nutrir física e emocionalmente. O alimento não representa, apenas, comida; o alimento significa obtenção do prazer, do afeto, da segurança que são muito importantes nesse dinamismo.

Como diz Sargo (2000) a relação que a mãe ou a pessoa substituta estabelece com a criança é de grande importância para o desenvolvimento do Ego. Nessa fase, a criança tem a segurança, garantida por sua mãe, permitindo um relacionamento com seu próprio corpo, com o outro e com o mundo.

Essa relação pode ser vivenciada por duas formas. A primeira: uma relação positiva, que se caracteriza pela “Mãe Boa” aquela que transmite, segurança, carinho e que nutre, permite a entrada do pai na relação e com isso há uma formação de um ego-integral positivo.

Newmann (1991) afirma:

“ A segurança que adquiriu durante uma relação primal bem-sucedida capacita o ego a integrar as crises que surgem no decorrer das fases do desenvolvimento transpessoal, assim como as perturbações pessoais e individuais que põem em perigo o curso natural de seu desenvolvimento- isso ocorre, com maiores ou menores variações, o importante se os distúrbios emanam da esfera da vida da criança ou da mãe, ou se provêm de eventos impessoais” (p. 53)

A segunda maneira é quando a relação está baseada no abandono, pelo desamparo ou até mesmo pelo excesso de mimo, que tem como função suprir o amor real, uma mãe possessiva que não permite que seu filho cresça, é caracterizada pela “Mãe Terrível”, o símbolo que rege essa interação é a fome.

Newmann (1991) ensina:

“Em geral, o ego se desenvolve no abrigo da relação primal e pode contar confiantemente com a Grande Mãe e com seu carinho. Quando a relação primal é perturbada, o ego ferido é devolvido prematuramente a si mesmo; é despertado cedo demais, e levado à independência pela situação de ansiedade, pela fome e pelas mágoas” (p.64).

Diante desse mecanismo, a consciência está dividida em vivências que se articulam pela necessidade de sobrevivência e não pela lógica de funcionamento.

As sensações são os principais canais de contato nessa fase tais como: as cores, odores, sentimentos, vida, morte e natureza.

É diante dessas primeiras vivências que o indivíduo estabelece relações positivas e negativas com o outro e durante o processo de individuação define a maneira como irá suportar o crescimento.

Sargo (2000) afirma:

“O sentimento e autoconfiança, conferido pela proteção do amor de uma mãe, capacita o indivíduo a suportar possíveis desconfortos durante todo o processo de individuação. A confirmação da singularidade, isto é, do jeito próprio de ser da criança, vai autorizá-la a realizar o que ela é na sua essência e vai possibilitar que ela faça todas as transformações necessárias para o seu crescimento no percurso de sua vida. Uma relação primal negativa constrói uma base frágil para os futuros relacionamentos e para uma atitude positiva em relação à vida e a si mesmo. A autoconfiança e a segurança pessoal nos ciclos subsequentes vão depender da vivência harmoniosa com a mãe, neste ciclo”. (p.42)

É nessa fase que somos apresentados ao mundo, ao outro e a nós próprios. São as nossas primeiras aprendizagens, que estão sempre ligadas às funções corporais. A identificação dos filhos com os pais ocorre pela circunstância de que mantém uma relação muito próxima, funcionada, simbiótica mesmo e dessa maneira pode ser revelada a existência de comportamentos imitativos.

No livro “Pedagogia Simbólica”, o autor Carlos Byington (1996) pontua que tudo o que se vivencia pode se tornar fonte de um aprendizado, o que enseja o desenvolvimento da personalidade. Diz ele, “*O modelo vivencial de formação da identidade no início da vida, através das vivências e relações emocionais primárias, pode ser visto como o mais fecundo modelo de aprendizado durante toda vida*” (p.14).

A referência a esse modelo vivencial em tudo se reporta à infância, período existencial esse que se divide entre a família e escola.

Byington (1996) pontua que: os professores devem perceber que a transferência pedagógica é nutrida pela transferência familiar. A relação que é estabelecida entre aluno e professor está internamente ligada às reações que envolvem alimento, carinho, cuidado, sensações que o aluno conhece, por ter sido as primeiras aulas da vida as que tiveram com seus pais. Se os professores conhecessem a história familiar de seu aluno, saberiam identificar como foram suas relações primárias, dessa maneira sabendo como lidar com esse aluno.

Como diz Fernandez (2001) “*O aprender transcorre no seio de um vínculo humano cuja matriz toma forma nos primeiros vínculos mãe-pai-filho-irmão, continua na escola e em outros meios sociais*”. (p.48)

A passagem do dinamismo matriarcal para o patriarcal ocorre por meio da fase mitológica, que se caracteriza por ser a ponte entre esses dois modos da consciência. Aos poucos, a realidade unitária é cada vez mais fragmentada em opostos, dando início à diferenciação entre eu e o outro; entre mente e corpo bem como nesse momento é que se parte para individualidade em oposição o que antes era grupal, ou seja, tem início a racionalização e a medida temporal das relações.

Como diz Whitmont (1991):

“No princípio, essa dualidade ainda é uma polaridade. Permanência e transitoriedade, vida e morte, ainda são aspectos de um Grande Círculo intacto. No final da era mitológica, essa dualidade torna-se um dualismo. Agora não mais polaridades, os opostos se excluem reciprocamente” (p.68).

Já no dinamismo patriarcal o distanciamento entre consciência e inconsciente está presente e isso acarreta algumas mudanças no comportamento dos indivíduos. Começa a existir separação das polaridades, eu - outro, masculino-feminino, dia-noite, certo-errado, mais-menos. Surge então, as regras, leis com a capacidade de abstração regem o dinamismo patriarcal. O princípio do dever, da organização, da justiça, da ordem, da responsabilidade nutrem esse modo da consciência funcionar.

Whitmont (1991) afirma que:

“A idéia de lei e o mito do legislador são as premissas fundamentais sobre as quais se assenta a nova era mental e a partir das quais ela se desenvolve. A ética, a moralidade, as relações humanas devem basear-se em regras. Inicialmente, a lei humana é vista como um reflexo da lei de Deus”. (p. 103)

A consciência pode ter mudado a maneira de funcionar, mas isso não exclui as antigas dinâmicas sejam constantemente ativadas.

Nesse dinamismo está presente a influência do arquétipo do pai e do mestre-aprendiz.

O arquétipo do pai exerce a função de ordenador, formador do conhecimento, apresenta a lei, a separação, a divisão. Os símbolos desse arquétipo são: divisão, fragmentação, o individualismo, sociedade, escrita.

Pode se dizer que assim se vive em uma sociedade do tipo patriarcal, onde há normas, julgamentos, uma cultura, a noção do certo e do errado, leis.

Nas escolas, é comum essa dinâmica estar presente, sobretudo, quando o professor utiliza o método de ensinar muito abstrato (sem estar relacionando o conteúdo apresentado com o cotidiano do aluno).

Pode-se afirmar que há uma passagem pela qual a criança começa a tomar consciência quanto a ser individual, percebendo a mãe e o pai como o outro, dessa forma retira a criança de sua onipotência . Começa, enfim, a perceber os conhecimentos valorizados na cultura de que faz parte e dessa maneira estrutura sua atitude na vida.

Quando esse arquétipo é vivenciado de uma maneira negativa, onde não se tem um pai ou uma pessoa substituta que não coloque ordem, limites, o que se tem é que a criança fica inibida, constrói comportamentos defensivos e o sentimento de culpa pode aparecer.

O arquétipo do mestre-aprendiz é ativado quando uma relação de ensino é estabelecida. É necessário dois pólos da transmissão - o professor e o aluno - para desenvolver o aprendizado. Diante dessas duas pessoas é necessário criar uma relação de interação, portanto o professor deve ser, também, aluno e o aluno deve, também, ser professor. Os papéis não podem estar rigidamente colocados de forma a possibilitar uma vivência dialética e não polarizada, enfim de forma a cada um exercer um papel.

Como diz Byington (1996)

“A vivência da polaridade no Arquétipo do Mestre-Aprendiz ajuda o educador a transcender a literalidade tradicional de seu papel, a vivê-lo simbolicamente e a poder concluir após certas aulas, que foi mais eficiente como professor, porque pôde se permitir ser aluno. Essa vivência dialética do ensino é essencial para se perceber que, numa pedagogia simbólica, a intenção primária não é recheiar de coisas a cabeça dos alunos e sim a formação intelectual, emocional e existencial de pessoas”. (p.120)

É muito comum as escolas tradicionais estarem influenciadas pela dinâmica patriarcal, onde os professores dispõem do conhecimento e o aluno é ignorante, o seu papel é escutar e obedecer aos comandos do sábio (professor).

Byington (1996) propõe um ensino diferente, uma pedagogia verdadeiramente simbólica, onde não se tenha um desempenho polarizado, cada um exercendo o seu papel, enfim, uma relação participativa professor-aluno. Para ele, o aprender está intrinsecamente ligado à vivência, assim não é necessário decorar e o conhecimento deixa de ser abstrato.

Uma escola ou pedagogia que funcione baseada no arquétipo da alteridade, onde é possível a alternância dos dinamismos patriarcal e matriarcal. Um equilíbrio entre a vivência corporal e a abstração, reunindo o subjetivo e o objetivo.

Segundo Byington (1996):

“Uma pedagogia baseada na formação e no desenvolvimento da personalidade e que, por isso, inclui todas as dimensões da vida: o corpo, a natureza, a sociedade, as idéias, imagens e emoções. Um método de ensino centrado nas vivências e não na abstração e que evoca diariamente a imaginação de alunos e educadores para reunir o objetivo e o subjetivo dentro da dimensão simbólica ativada pelas mais variadas técnicas expressivas para vivenciar o aprendizado. Um referencial pedagógico baseado no próprio desenvolvimento simbólico e arquetípico da personalidade e da cultura”.(p.11)

E perceber o outro em suas características individuais e não enquadrá-lo nas nossas, é um exercício difícil, mas o só poder perceber que as nossas verdades podem ser modificadas é fascinante.

Dessa maneira, o nosso papel de aluno-professor entra em uma relação dialética e se complementa, mantendo-nos sempre, também alunos, mesmo quando já somos professores.

Jung acredita que a escola, por ser o primeiro local no qual a criança se encontra fora da família, ela tem o papel auxiliar no desenvolvimento da consciência. Pontua a integração entre o psiquismo da criança e o da família. É, pois, nesse ambiente que se luta por uma independência.

A função do professor não consiste somente em transmitir conhecimentos, mas, também contribuir para a formação da psique infantil. O seu trabalho, visa, ainda, propiciar que a criança experimente outras formas de relações e que abra um caminho mais amplo; o que implica que a criança, não seja somente filha de seus pais.

Jung afirma (1986):

“O êxito do ensino não depende do método. De acordo com a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimentos a cabeça das crianças, mas sim contribuir para que elas possam tornar-se adultos de verdade. O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu ou não libertar o jovem ser humano de sua identidade com a família e torná-lo consciente de si próprio. Sem esta consciência de si mesmo, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade, mas continuará sempre na dependência da família e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros”. (p.60)

É necessário que o educador antes de buscar conhecer uma metodologia, procure o autoconhecimento, pois a educação ocorre no processo relacional.

Jung distingue três formas pelas quais a educação pode ocorrer.

A primeira, denominada “a educação pelo exemplo”, é aquela que acontece naturalmente e de modo inconsciente. Acontece a partir da identificação da criança com os pais.

A segunda, dita “a educação coletiva consciente”, é baseada, no âmbito patriarcal, na transmissão de regras, princípios, e métodos de natureza coletiva. Permite ao indivíduo ter um convívio social; é uma educação indispensável, pois viver em sociedade é necessário ter normas de modo a chegar-se a uma boa convivência social.

O terceiro tipo, identificado como: “educação individual”, é o que tem como objetivo desenvolver a índole específica de cada um, valorizando suas singularidades, sua imagem pessoal.

Do exposto se infere que, não obstante o desejável seja que cada indivíduo pense por si mesmo, libertando-se de amarras inclusive familiares, não se pode desprezar de forma alguma a importância que a história familiar desempenha no conjunto dos vários métodos de educação, principalmente, quando são identificadas dificuldades de aprendizagem.

Este trabalho tem como objetivo exatamente investigar de que maneira a história familiar e a história escolar do indivíduo podem estar relacionadas a essa dificuldade de aprendizagem.

1.2 Dificuldade de Aprendizagem:

Dificuldade de aprendizagem é um conceito que apresenta diversas definições e enfoques teóricos. Diante dessa complexidade, constitui desafio aos professores e às famílias o lidar com esse fenômeno.

Polity (2000) define a dificuldade de aprendizagem como uma condição bastante abrangente, que se manifesta, sobretudo, pelo fracasso escolar e que, muitas vezes, é condicionado por este. Essa condição tem um leque muito amplo quanto às suas causas geradoras, mas, a sua forma evolutiva e o modo como será trabalhado o aluno estão intimamente relacionados com o sistema familiar, educacional e social nos quais o sujeito está inserido. Outra coisa é o distúrbio de aprendizagem que, por sua vez, está relacionado a um grupo de dificuldades específicas e pontuais, caracterizada pela presença de uma disfunção neurológica.

Para compreender o processo de aprendizagem de um indivíduo é necessário conhecer a sua história na perspectiva da relação familiar, pois, é certo que as primeiras relações e a própria aprendizagem do sujeito acontecem na família.

É necessário, também, saber a forma como o processo de aprendizagem da educação institucional da criança ocorre na própria escola sendo, então, muito importante conhecer qual a pedagogia educacional adotada.

Bem por isso, importa buscar a data a partir da qual essa criança frequenta a escola; como é o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança do ponto de vista da escola, em qual momento a escola percebeu que seu aluno estava com dificuldade de aprendizagem, e, por último, indagar sobre o procedimento adotado diante desse fato e se o aluno passou ou não a ser um problema para os professores e coordenadores.

Não se pode esquecer de compreender o sujeito individualmente; enfim, poder perceber o modo pelo qual se dá a sua interação no meio social do qual a escola faz parte e tem papel importante.

Bombonato (2008) defende a idéia segundo a qual “... a dificuldade de aprender pode se originar de algum problema nesse tripé: criança, família e escola. Porém, nenhum deles pode ser interpretado isoladamente”. (p.26).

O aprender é um gerador de autonomia tanto para crianças como para adultos. Quando esse fator não acontece cria-se, então, uma relação de dependência, que se opõe a uma das funções de aprendizagem que é desenvolver a autonomia do indivíduo. Essa ambigüidade pode causar uma dificuldade de aprendizagem.

Há uma dissertação, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por Sargo, em 2000, que constatou a identificação da maneira pela qual se configura a relação entre pais e filhos de modo a compreender, do ponto de vista emocional, as dificuldades de aprendizagem de crianças.

Jung, apud Sargo, (2000) afirma:

“A criança se encontra de tal modo ligada e unida à atitude psíquica dos pais que não é de causar espanto que a maioria das perturbações verificadas na infância deva sua origem a algo perturbado na atmosfera psíquica dos pais... porém, as reações mais fortes sobre a criança não provêm do estado consciente dos pais, mas de seu fundo inconsciente”. (p.20)

Em síntese, a pesquisadora citada concluiu que a dificuldade de aprendizagem liga-se, emocionalmente, “a vivência dos arquétipos da Grande Mãe e do Pai”, medida essa dificuldade seja pelo “excesso ou falta de um ou outro ou ambos”. Nesses casos, pode-se ter um prejuízo no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

Constata-se que a maior parte dos trabalhos desenvolvidos sobre o processo de aprendizagem tem abordado o tema sobre a ótica da Psicanálise.

No livro de Fernandez (1991) a idéia defendida é de que a família é um terreno fértil para a gestação de sintomas na aprendizagem. A autora faz a seguinte afirmação:

“Às famílias cujo sistema se baseia na indiferenciação, torna-se difícil aceitar que pensar diferente não quer dizer rechaçar o outro; que pode haver pontos de vista diferentes sobre uma experiência em comum, sem que isso signifique que um seja bom e outro seja mau; que é possível e necessário que os membros de uma família ou um casal vivenciem uma mesma cena e, não obstante, a relatem diferentemente, conforme a tenham sentido, sem que isso implique um relato seja verdadeiro e o outro mentiroso” (p.98).

Partindo da visão psicanalítica, o conceito de “legitimação” pode ser defendido como a permissão de espaço para o indivíduo expressar-se autenticamente na família, conforme Kamlot apud Sargo (2005). Confira:

“Refere que as expectativas dos pais com relação à aprendizagem dos filhos podem ser colocadas, também, na ordem dos valores e ideologias da família como: aprender para ter poder, para ter sucesso, para atender a identificações com outros familiares, para compensar fracasso escolar de seus pais. Nessas circunstâncias, o aprender ou não aprender deixa de ser um desejo próprio e passa a ser um desejo do outro” (Kamlot apud Sargo). (p.13).

Dessa maneira não está presente a compreensão de que naquele sujeito existe um sentimento, um pensamento, um desejo, uma individualidade; essa negação pode levar um aprisionamento de aprender por desejo inconsciente, gerando alguma fratura na aprendizagem.

2. Metodologia:

A metodologia do trabalho tem caráter qualitativo, com base na dissertação de mestrado de Sargo (2000) e incluiu, também, a escola como fonte de informação, diferentemente do trabalho citado, de forma que foi levantados dados indicativos de como ocorreu o processo de aprendizagem dos sujeitos desta pesquisa.

Sujeitos: Participaram como sujeitos duas crianças de 9 e 10 anos, encaminhadas para atendimento psicopedagógico na Clínica Ana Maria Poppovic da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, por estarem apresentando dificuldades no processo de aprendizagem escolar.

Instrumento: Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com os pais das crianças e com as coordenadoras pedagógicas das escolas e com a professora de uma das crianças.

As entrevistas com os pais tiveram como modelo o instrumento elaborado por Sargo (2000). As questões foram relacionadas com padrões de cada dinamismo arquetípico. As informações procuradas abordaram os seguintes tópicos: o desejo dos pais em terem o filho, como foi a gravidez e a chegada dessa criança na família. Indagou-se, ainda, se a criança foi aceita ou sofreu alguma rejeição; como é a interação pais-criança; como ocorreram as trocas afetivas (o prazer em cuidar, alimentar e estar com a criança); o contato físico (se a mãe amamentou a criança, fez e faz carinho, ensinou higiene básica); verbalização (tradução das mímicas do bebê se isso acontecia, falar sobre a vida das pessoas que vivem a volta da criança, cantar, contar histórias); situações de ensino (apresentação de regras, normas, como comportar-se, colocação de limites e de valores); promoção de autonomia (permitir à criança, experimentar e praticar o que está desejando e aprendendo), dialogar, falar e ouvir a criança; participação dos pais na vida escolar da criança (interar-se dos acontecimentos da escola, conversar com a criança sobre as atividades oferecidas pela escola, freqüentar a escola quando necessário).

Como já mencionado, a visita feita à escola teve como intuito entrar em contato com a orientadora pedagógica ou com a professora, para compreender de que maneira acontece o processo de aprendizado dessa criança na escola.

Para lograr esse objetivo, algumas perguntas foram indispensáveis, dentre elas, qual é a pedagogia adotada pela escola; desde quando a criança é aluno dessa escola; como é e como foi o processo educacional dessa criança; se a escola percebeu alguma dificuldade de aprendizagem (se sim, em que momento foi esse); se a escola acolheu essa criança ou foi um obstáculo para o professor e orientador pedagógico lidar com essa dificuldade finalmente, como é a relação da criança com a professora e os amigos.

Procedimento: A pesquisa levou em consideração as questões éticas e seguiu o procedimento conforme as normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96).

Esse trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em seguida foi realizada a coleta de dados.

Para tanto:

a) Foi solicitado à direção da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, permissão para a realização das entrevistas com os pais de crianças encaminhadas ao Serviço de Psicopedagogia, obedecendo-se a todos os requisitos exigidos por esta instituição para a realização de pesquisa com seus pacientes.

b) os pais das crianças, bem como os profissionais da escola foram convidados a participar da pesquisa esclarecendo-se que o objetivo desta é, em linhas gerais, compreender o papel da história pessoal e escolar da criança no aparecimento da dificuldade que ela enfrenta na aprendizagem de conteúdos escolares.

c) os pais e os profissionais da escola foram informados que aceitando ou não participar da pesquisa, seus filhos / alunos recebera toda a assistência por parte da Clínica que se fizer necessária para devida condução do caso, respeitando-se o fluxo de atendimento normal da instituição; foi garantido sigilo profissional pelo comprometimento de não divulgar a identidade dos participantes, bem como de utilizar os registros obtidos apenas no âmbito acadêmico.

As informações foram apresentadas por escrito via “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, cujo modelo é apresentado no Anexo.

Os pesquisadores, também, se comprometeram com as normas éticas por escrito em documento cujo modelo é apresentado no Anexo.

É necessário esclarecer, também, que a orientadora do TCC é a responsável pelo Serviço de Psicopedagogia da Clínica Ana Maria Poppovic da Faculdade de Psicologia da PUCSP e foi responsável pelos casos convidados a participar da pesquisa, seja por ser a profissional que os atende diretamente ou por ser a supervisora do atendimento prestado por algum estagiário.

A pesquisa não teve nenhum tipo de financiamento.

Procedimento de análise dos dados: Os dados obtidos foram examinados e analisados conforme os itens que caracterizam o dinamismo matriarcal e o patriarcal, como Sargo (2000) indicou, identificando-se, dessa forma, o papel da família e da escola e suas articulações com a dificuldade escolar.

3 Resultado e Discussão:

3.1.Caso I:

A análise será realizada em duas partes, a saber: a primeira compreenderá as falas referentes à família e a segunda dirá respeito as falas que se referem à escola.

Os dados apresentados foram obtidos por meio de uma entrevista com a mãe do Gustavo; inclusive os dados relativos à escola, pois não foi possível obter autorização para inclusão, na pesquisa, de informações fornecidas diretamente pela própria escola.

A entrevista contou com a presença da Professora Orientadora desse trabalho.

De qualquer forma, a análise da escola e a das atitudes dos professores serão feitas por meio das falas de Regina, mãe de Gustavo.

Gustavo tem 10 anos de idade. Está cursando a quarta série do Ensino Fundamental, período matutino, escola pública de São Paulo. Os pais são casados, mas, o pai, desde o começo do segundo semestre deste ano, está no Rio Grande do Norte, ao que se sabe, procurando emprego; Gustavo tem uma irmã, sete anos mais velha do que ele.

Regina, mãe de Gustavo, procurou o serviço da Psicopedagogia na Clínica Ana Maria Poppovic que pertence à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo porque a diretora da escola de seu filho sugeriu esse atendimento, em virtude de seu atraso na aprendizagem: sabe, escrever o seu nome e identificar as letras, mas, não consegue ler palavras e frases.

Família:

A mãe compareceu à entrevista depois de duas vezes ter cancelado o encontro. O pai de Gustavo não compareceu pelo motivo justificado acima.

No começo da entrevista, foi pedido para que ela contasse um pouco como foi a gravidez de Gustavo.

Regina diz que: *“foi tranqüila, não queria ter engravidado, foi no “susto”, tive nenhum problema”*.

Pergunto a Regina como foi sua reação ao saber que estava grávida. Diz que: *“Fiquei muito triste, não tinha planejado, meu marido não opinou, mas acredito que ele ficou feliz, somente quando soube que era menino”*.

Com essas falas fica claro que Gustavo não foi desejado pelos pais, mas, pode se dizer que, na hora em que seu pai soube que seria um menino, começou o despertar de um desejo de ter o filho.

Diante dessa informação, pergunto como foi a amamentação, para tentar perceber como foi o envolvimento da mãe com esse filho.

Regina diz que amamentou *“até um mês e meio, porque ele mesmo não queria mais”*.

Pergunto, então, o que sentiu, nesse momento. Ela afirma que: *“Ah, ele não queria mesmo, tudo bem. Acabei indo trabalhar, ele ficava com uma amiga minha o dia inteiro”*.

Como Regina diz acima, Gustavo ficava com uma amiga o tempo em que ela e seu marido trabalhavam. Regina não consegue dar detalhes sobre a maneira pela qual esse cuidado ocorria. Afirma somente que *“Eles se davam muito bem”*.

Pergunto quem dava banho e quem o alimentava. Regina diz que *“sua amiga que cuidava disso, ele come de tudo, todos os leites, de tudo”*.

Não temos informações de como era a vivência de Gustavo nos primeiros anos de vida nem como foi a estruturação do ciclo matriarcal, uma vez que a mãe não consegue lembrar os detalhes nem como eram os cuidados que sua amiga tinha para com seu filho.

O que posso perceber é que nem a mãe nem o pai ofereceram cuidados requeridos do arquétipo da grande mãe. Fico com a impressão que não estiveram presentes no cotidiano de Gustavo.

Furllanetto (1989) afirma que :

“O dinamismo matriarcal, regido pelo arquétipo da Grande - Mãe pode aparecer nos seus dois aspectos: a Mãe boa e nutridora, afetiva, carinhosa, protetora, que na natureza produz alimentação, água, calor; e a Mãe terrível, que abandona, não nutre, não acalenta; que na natureza se manifesta nas secas, nos terremotos, nas doenças” (p.12).

Ao se perguntar sobre a alimentação de seu filho, Regina responde de uma maneira genérica, não deixando claro o gosto de Gustavo.

Durante a primeira série Gustavo dizia que não gostava de ir à escola, porque não tinha um bom vínculo com a professora e seus pais não acreditavam, fica claro que o sentimento de Gustavo foi desvalorizado, ignorado, pelos pais.

Essa informação tem fundamentação nessas duas frases seguintes: *“Quando eu fui conversar com a professora da segunda série, ela disse que não duvidava dele que era verdade, porque sua colega [professora] gritava muito em sala de aula e estava com depressão” (sic)*. E *“Me arrependo muito de não ter ido conversar na escola, poderia ter mudado ele de sala”* .

Em geral, a experiência de se ingressar em um lugar diferente com êxito, pressupõe apoio recebido dos pais. É importante e necessário esse apoio, pois, o acesso está permeado pelo medo do desconhecido.

Nesse caso, há indícios de que foi ativado o lado negativo do arquétipo da Grande-Mãe.

Como foi dito nesse trabalho por ocasião na fundamentação teórica, quando ocorre uma desistência ou inexistência de pessoas que se preocupam e colocam o sujeito em primeiro lugar, permitindo que ocorra, um desenvolvimento do sujeito. Pode caracterizar morte física ou distúrbios na vida como: doenças, traumas psíquicos e dificuldades.

Sargo (2000) afirma:

“Um Ego infantil ferido pode não só causar apatia e atraso intelectual, como sentimento de raiva, de abandono, de inferioridade, de desamor, manifesto através da agressividade e de reações sadomasoquistas. Assim se expressa a estrutura defensiva do arquétipo da Grande Mãe”(p.41).

Ao perguntar quem o ajudava na lição de casa, Regina diz *“Eu não ajudo porque tem muita coisa que não lembro. Meu marido não estudou, só sabe escrever o nome dele e reconhece alguns números, o meu sogro não deixou, dizia que estudar não dava dinheiro. Eu colocava a minha menina pra ajudar ele na lição de casa, mas acabava que eles brigavam muito, ela xingava ele de burro, dizia que ele não queria aprender”*.

Nessa fala, fica claro que os pais de Gustavo não tiveram oportunidade de estudo. Compreendo que em sua família essa questão não seja valorizada e estimulada por eles. Dessa maneira percebo que eles não têm parâmetros para avaliar a escola, não se sentem autorizados a questionar uma mudança e até mesmo solicitar uma ajuda.

Brasil (1989) afirma que:

“Os pais não podendo acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos filhos, pois na maioria são analfabetos ou tiveram poucas oportunidades de frequentar a escola, confiam acentuadamente nas avaliações escolares. O fracasso escolar, nunca é atribuído à escola, mas à própria criança e às vezes, por extensão à própria família ou ao grupo social onde está inserido” (p.71).

Pergunto, então, como ele faz a lição de casa, atualmente. A mãe de Gustavo diz que: *“Ninguém, ajuda ele, fala que toda lição tem que usar computador, não temos, então ele não faz e como não fui na reunião, não sei se é verdade”*.

Diante dessas informações nota-se que, Regina continua não podendo acompanhar o estudo de seu filho, não tendo um envolvimento com a escola e com o seu aprendizado.

Em relação às regras em sua casa Regina diz que: *“Meu filho só obedece meu marido, não tem regra em casa, ele e sua irmã dormem a tarde toda e depois à noite querem ficar vendo televisão, como fico o dia todo fora é difícil controlar”*.

Regina conta um pouco sobre sua casa *“Então tem uma casa grande na frente e a nossa é atrás, tem dois quartos, uma sala no segundo andar, no primeiro andar é a cozinha. Lá é uma ONG, onde em alguns dias recebem crianças com câncer, meus filhos não podem sair de casa porque não podem brincar com elas. Meu filho sofre muito com isso, um dia ele escapou e estava brincando com uma criança, a dona viu e deu uma bronca na frente de todos, ele se sente preso”*.

Diante dessas duas falas da Regina há indícios de que Gustavo não foi apresentado às regras, à ordem, não se tem uma rotina, como se tudo ocorresse de uma maneira mágica, sem planejamento e ausente de consequência. A estrutura paterna não está presente.

Sargo (2000) pontua que: *“O arquétipo do pai exerce a função de ordenador, formador e legislador, representante do bem, do verdadeiro, do justo, da razão, portanto, com um aspecto mais formal que o da Mãe”* (p.44).

A sociedade é nutrida por regras, limites, uma cultura com costumes e valores que influenciam no seu cotidiano e as escolas por fazerem parte dessa realidade, estão carregadas desse funcionamento.

Penso que o Gustavo ao entrar na escola, deve ter tido uma experiência difícil. Estava ligado afetivamente com a família, que não tem como característica um funcionamento patriarcal e teve que entrar nesse novo dinamismo rapidamente.

Jung afirma (1986):

“Pergunto agora o que iria acontecer se não tivéssemos escolas e se deixássemos as crianças entregues a si mesmas, deveríamos então responder: As crianças continuariam inconscientes em grau muito maior. E o que notaríamos de especial nesse estado de coisas? Seria um estado primitivo, o que significa que quando tais crianças chegassem à idade adulta não passariam de primitivos, apesar de toda a inteligência natural de que dispõem; seriam apenas” selvagens”, como qualquer membro de uma tribo inteligente de negros ou de índios. De maneira nenhuma seriam meros bobos, mas apenas inteligentes por instintos; seriam ignorantes e, por isso, inconscientes quanto a si e quanto ao mundo” (p.56).

A entrada da criança na escola representa um momento de transição para um outro estágio, estando presentes nele uma série de vivências e exigências que lhe são apresentadas.

Pergunto a Regina como é a relação de Gustavo com seu pai . Ela afirma: *“ele nunca foi muito próximo. Um dia meu filho me disse que queria comprar um carro bonito, disse pra ele que só conseguiria isso se estudasse, mas ele disse que não precisa aprender, porque meu pai tem carro e dinheiro e nunca estudou, ele admira muito o pai”*.

Essa fala de Gustavo tem indicativos segundo os quais o aprendizado não tem como característica ser essencial para o seu futuro, para suas conquistas. Dentro de casa Gustavo tem exemplo de seu pai: um homem que não teve oportunidade de estudo, mas conseguiu sempre estar trabalhando e sustentando a família.

Levanto a hipótese que existe uma admiração de Gustavo pelo seu pai, talvez pelo distanciamento que ocorra entre eles e, também, por ser um menino; tenho como hipótese que deve ser muito difícil para ele ter conhecimentos a mais que seu pai, como se fosse destruir o valor desse homem para ele.

Não se sente autorizado a ter os seus próprios sentimentos, desejos e conhecimentos.

Escola:

Gustavo entrou para a escola com seis anos de idade. Estudou em três escolas diferentes; sua mãe diz que o motivo dessas alterações é o fato de terem se mudado muitas vezes de casa. Regina conta que: *“fez meio ano de pré em uma escola, depois mudei ele pra escola da Consolação na primeira série, mas só ficou meio ano, mudei ele pra essa escola que ele não aprendeu nada”*.

Na nossa sociedade atual, as crianças entram para a escola cada vez mais cedo, muitas vezes com meses. Percebo que Gustavo demorou para entrar na escola, como foi indicado na análise da família.

A propósito, como já foi dito na fundamentação teórica, a escola é o primeiro espaço em que a criança se encontra separadamente da família, onde é possível uma nova experimentação de papéis.

Como diz Brasil (1989): *As pessoas que trabalham na escola, o ensino, a aprendizagem são os substitutos dos pais, que tem como objetivo o desenvolvimento da criança, por meio do seu crescimento pessoal e intelectual por meio da educação formal.*

Diz, ainda, Furlanetto (1989):

“A criança traz de casa os modelos de comportamentos familiares e tenta, a partir deles, relacionar-se com o professor. Cabe ao professor proporcionar o acesso da criança à sua personalidade para que ela possa experimentar outras formas de relacionamento” (p.20).

Acredito que Gustavo, ao entrar na escola, estava muito identificado com a família e passou em muito pouco tempo por três escolas diferentes, não criando o vínculo, deixando assim de absorver as experiências e os conteúdos transmitidos.

Para Jung a finalidade da escola é permitir que a criança experimente e conheça novos modos de comportamentos, que busque sua totalidade, que cresça e amadureça.

Regina pontua que somente nessa última escola percebeu que Gustavo estava enfrentando sérias dificuldades. Afirma que Gustavo: *“sabe escrever o nome, mas aprendeu na outra escola. Ele acordava todo dia chorando, que não queria ir pra escola porque a professora chamava ele de burro, preguiçoso, [mas a mãe] não acreditava nele; pensava que ele não queria ir pra escola, era uma desculpa . Quando eu fui conversar com a professora da segunda série, ela falou que não duvidava dele; que era verdade o que ele falava, porque sua colega gritava muito em sala de aula e estava com depressão”.*

Diante dessa fala da mãe de Gustavo, há indícios de que o arquétipo do mestre-aprendiz foi vivenciado por ele de uma maneira negativa. Como Byington (1996) afirma: *“Especificamente, no Arquétipo do Mestre-Aprendiz, que coordena a elaboração dos símbolos estruturante que veiculam o conhecimento na relação professor-aluno” (p.115).*

Essa relação estava polarizada na dinâmica patriarcal, onde não está presente uma relação de troca e sim de autoridade na qual se supõe um padrão de aluno ideal, isto é, aquele que

aprende as matérias conforme o esperado, afinal, nessa dinâmica o professor retém o saber e o papel do aluno é apenas de absorver o ensinamento.

Byington (1996) afirma:

“Arquétipo do Ensino se refere ao processo de transmissão do Saber. Ele requer um transmissor e um receptor. Um professor e um aluno. Sem estes dois pólos da transmissão do conhecimento, sobretudo quando dialeticamente relacionados, não passa a corrente da energia psíquica e não acende a luz arquetípica do aprendizado” (p.116).

Gustavo não teve uma escola que o acolhesse de uma maneira positiva de forma a permitir que o aprendizado formal e o de outras maneiras de se relacionar socialmente fossem descobertos. Permanece identificado com a família, dessa maneira negando o saber.

Conclusão:

Uma família em que os pais não desejaram ter o filho, sempre trabalharam. Não temos dados concretos sobre os primeiros anos da vida de Gustavo, sua mãe não consegue relatar como foi o cuidado nessa época.

Há indício que Gustavo tem uma ausência quanto ao atendimento às demandas do arquétipo da Grande-Mãe e do Pai, na relação pessoal com os pais, e na continuidade de sua experiência com a escola.

Levanto a hipótese de que essa família vive em uma dinâmica matriarcal, onde não se tem regra, tudo acontece de uma forma aleatória, suponho que isso tenha dificultado para Gustavo a entrada na escola, que é regida pelo funcionamento patriarcal.

Há indícios que Gustavo tem um sentimento de abandono, ao conversar com sua mãe fiquei com a impressão que seu filho está no mundo sozinho.

Levanto ainda hipótese de que Gustavo precisa de uma aprovação da família e da escola no sentido de que está no caminho certo do aprendizado, se sente muito inseguro, mas diante as informações ditas a cima obtidas, por meio dessa entrevista, o ambiente familiar não acredita em seu sentimento e desejos e além disso frequenta uma escola que não lhe permite fazer descobertas.

Como o relato da mãe de Gustavo, o início de sua escolarização foi marcado por atitudes extremamente ofensivas pela professora e também modificou de escola por varias vezes no período aproximadamente, de um ano e meio. Acredito que esses dois fatores contribuíram para Gustavo, não ter uma boa adaptação na escola, ter comportamentos de insegurança no momento da aprendizagem, levanto a hipóteses que possa ter tido um aprisionamento.

3.2 Caso II:

Os dados apresentados foram autorizados e obtidos por meio de uma entrevista com a mãe do Rafael e com a diretora e professora da escola que frequenta.

A entrevista contou com a presença da Professora Orientadora desse trabalho.

Rafael tem nove anos e seis meses de idade. Está cursando o segundo ano do Ensino Fundamental, em escola pública de São Paulo, período integral. Os pais são casados. Tem uma irmã quatro anos mais velha que ele.

Beatriz, mãe de Rafael, procurou o serviço da Psicopedagogia na Clínica Ana Maria Poppovic que pertence à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo porque a escola pediu para procurar um atendimento psicológico, pois Rafael estava apresentando dificuldade na aprendizagem. Foi atendido em um posto de saúde e daí encaminhado para nosso Serviço.

Família:

Beatriz compareceu à entrevista no horário marcado, sem seu marido que não pode comparecer, pois estava no horário do trabalho. Ao sentar na cadeira, Beatriz foi logo dizendo: *“meu filho ta indo muito mal na escola”*.

Começo a entrevista dizendo que hoje vamos falar um pouco do Rafael. Ela logo diz que: *“vou voltar nas Clínicas, pra refazer todos os exames da neuro agora”*. Pergunto se ele faz um acompanhamento, Beatriz afirma que sim, desde bebê.

Beatriz conta que seu filho tem um acompanhamento no Hospital das Clínicas, porque quando era bebê, com vinte dias, apareceram umas manchas em sua pele. Afirma que *“parece com café com leite, que ele tem na pele”* e acredita que pode ter relação com a sua dificuldade na escola. Na fala que segue, isso fica claro: *“não sei, se é isso que atrapalha no estudo”*.

Já fez exames neurológicos, que segundo Beatriz não apontaram nenhuma anormalidade. Rafael tem, também, um osso maior na costela, mas como não incomoda, não é necessário fazer uma operação.

Após a entrevista, foi realizada uma pesquisa para verificar qual a doença, que a mãe de Rafael revelou existir. Levanto a hipótese de ser neurofibromatose, nome dada a uma desordem genética e caracterizada por manifestações proeminentes, tais como manchas ou pontos “café com leite”, de cor castanha, na pele.

Para além das manifestações características da doença na pele, outras conseqüências são: desfiguramento, cegueira, surdez, deformações esqueléticas, tumores, cerebrais, perda de membros, doenças malignas e incapacidade de aprendizagem.

O que Beatriz pontua é que essas manchas não tiveram aumento, estão sendo controladas.

Beatriz conta que Rafael usa óculos. Informa que: *“Ele tem miopia e astigmatismo, começou usando com sete anos de idade. Usava tampão também; se usar direitinho [os óculos], [o grau] vai diminuindo; se não, tem que operar quando ficar grande”*. Pergunto como ela descobriu. Afirma que: *“o olho dele começou ficar vermelho, passei no oculista, depois nunca mais ficou vermelho”*. Ele já estava na escola, quando começou a usar óculos, mas, Beatriz não se lembra em que série estava cursando na escola.

Pergunto como foi a gravidez. Beatriz afirma que: *“foi tranqüila, queria ter esse filho”* mas, pontua que Rafael dá “trabalho”, desde quando estava na barriga; ao ser questionada, sobre qual foi esse trabalho, Beatriz afirma: *“Eu sentia ele na boca do meu estômago, passava mal, era horrível, chorava de dor, nem trabalhei”*.

Sobre amamentação, Beatriz diz que amamentou *“até os oito meses, cuidei dele até entrar na escola; com vinte dias ele ficou com umas manchas, que se chama pigamatou, depois a pediatra disse que a cabeça dele estava crescendo muito rápido, levei no médico, mas não era nada”*..

E os exames indicaram alguma coisa? Beatriz afirma: *“Até agora nada, mas, está indo assim na escola”*.

Na entrevista, insistimos para mãe de Rafael contar um pouco sobre seu desenvolvimento. Beatriz contou que ele nasceu com nove meses, o parto foi cesariana.

Ao perguntar como ele era quando bebê Beatriz diz: “*era calmo, fortinho, [cabeça ficava dura] ficava*”. Ao perguntar se ele era bebê quieto, mais ou menos ou agitado, pontua que: “*Ele não era tão agitado, era um nenê calmo, mas mexia nas coisas que não podia, não podia deixar ele só*”.

Relata que: “*Com seis meses [ele sentou], disseram que a cabeça estava crescendo rápida, mas, eu fiz o exame e não deu nada, falou com um ano; ele demorou [para andar, somente] com dois anos, quando a outra [a irmã] andou aos nove meses, ele andava segurando nas coisas, com um ano e alguns meses, demorou pra sentir segurança pra andar sozinho. As crianças passam de ano e ele continua na primeira série*”.

Questiono se Rafael era um bebê que se ao dar a mão ele caminhava. Beatriz afirma que: “*Não, só segurando nas coisas*”.

Com essas informações, podemos afirmar que Rafael foi um filho desejado, que teve uma mãe presente, que cuidava, alimentava, protegia. Como já foi dito neste trabalho, esses são os símbolos que regem o arquétipo da grande-mãe.

Como afirma Brasil (1989):

“A ênfase está no simbolismo nutritivo, pois ao mesmo tempo que o leite materno é alimento concreto significa também vida, pulsão, apacramento da fome, segurança, calor, proteção, possibilidade de sono e descanso, minimização da dor e desconforto, relacionamento com alguém, estar no mundo e na vida com um todo” (p.39).

Percebo, também, uma mãe preocupada com a saúde de seu filho. Em quase em todas as falas Beatriz mencionava esse problema. As experiências que envolveram essa questão devem ter sido uma vivência difícil para a família e isso pode ter redundado em atitudes

super protetoras. Não sei quais as fantasias que Beatriz e sua família criaram diante desses apontamentos de doenças com o Rafael.

A mãe de Rafael criou uma relação com o filho com indício, de muita proteção que, o impede, paralisa, bloqueia o seu desenvolvimento, isto caracteriza a constelação do pólo negativo do arquétipo materno.

Brasil (1989) afirma:

“Constela-se geralmente quando a relação primal é de alguma forma perturbada. Deste modo registram-se seqüelas, gerando a falta de defesa e enfraquecimento do ego da criança. Acontecendo em fase posterior há a tendência da configuração de um ego negativo, ficando a criança propensa aos sentimentos de abandono, inferioridade, desamor e rejeição cujas defesas se dão através dos comportamentos de isolamento e ensimesmamento” (p.39/40).

Levanto essa hipótese por alguns motivos: um deles é quando Beatriz conta que Rafael demorou pra andar sozinho, indicando como foi difícil sentir-se seguro para poder crescer. O segundo motivo é que Beatriz está, o tempo todo, se referindo aos cuidados com a saúde de Rafael.

Como já mencionado nesse trabalho, o aprender tem como objetivo principal desenvolver a autonomia, mas, quando isso não ocorre se torna uma barreira, pode-se transformar em um aprisionamento.

Ao perguntar quando Rafael entrou na escola, Beatriz afirma que: *“Com quatro anos de idade, desde pré a professora me disse que tinha dificuldade”*.

Peço pra Beatriz contar um pouco sobre essa dificuldade, mas, não consigo obter detalhes já que ela diz que não se lembra mais. Então, pergunto qual a dificuldade dele, hoje em dia. Afirma que: *“Não sei, só sei que na prova é tudo nota baixa, eu estou sempre observando. Perguntando pra professora, porque nessa escola, não tem uma reunião com todas as mães é direto com a diretora, quando você que saber de algo, tem que ir até a sala da professora e perguntar. Ela já me disse, que não tem condição de passar de ano de novo, só se ele der uma melhorada até dezembro”*.

Diante dessa fala, como foi dito na análise do caso I, pais que não tiveram oportunidade de estudo sentem-se inferiores diante da escola portanto o que os professores dizem é uma sentença inquestionável.

Pergunto para Beatriz se Rafael gosta da escola e se algum dia ele reclamou da convivência escolar. Afirma a mãe que: *“Gosta, de ficar brincando na quadra, não, nunca reclamou, o comportamento é bom na escola, as notas são tudo baixa, não sei o que acontece”*. Pontua que gosta de esporte, tem muitos amigos.

Questiono se Beatriz gosta da escola e como é seu envolvimento. Afirma que: *“Gosto sim, não pago nada só ajuda em algumas festas é uma escola conveniada com a prefeitura [sobre a reunião] não falto em nenhuma, meu marido não vem, por que é longe, ele vai na reunião da minha filha [em relação a professora] vejo todo dia, ela fala mãe, tem que pegar no pé, se não der um jeitinho, até o final de ano ele vai repetir”*.

Com essas “falas”, percebo que Rafael teve uma boa adaptação, na escola e sua mãe está realmente envolvida e comprometida com a aprendizagem do filho.

Ele está nessa escola desde o primeiro ano, sua mãe diz que: *“antes era perto de casa [a escola], arrumei um emprego, não tinha ninguém pra deixar ele, coloquei ele nessa escola, assim vem comigo”*.

Beatriz ao falar sobre a lição de casa afirma que: *“Faz, em um livrão com toda a matéria. Ele faz na escola, porque, ele fica integral, mas quando chego em casa, dou uma olhada, quando vejo uma coisa errada, mesmo que o professor tenha corrigido, falo pra ele apagar e fazer de novo. Só que ele fica com preguiça. Ele prefere brincar”*. E quanto ao comportamento do pai em relação ao seu apoio na lição de casa, Beatriz diz que: *“Ajuda, mas, ele não estudou muito, mas eles são um grude”*.

Pergunto para a mãe do Rafael se ele percebe que está atrasado em relação aos seus amigos. Ela afirma: *“ele fala cada um cada um, eu não comparo, mas, falo pra ele que o amigo dele ta indo pra 5 serie, ele fala, ele é ele, eu sou eu”*.

Durante a entrevista é possível perceber que Beatriz fica triste, por causa da dificuldade de seu filho, afirma que: *“Ah, eu me preocupo, as crianças na idade dele, já sabem mais coisas, sei que não pode comparar, mas tem alguns amigos, mais adiantados, acho que ele está bem atrasado”*.

Ao questionar sobre a existência de uma cobrança dela para Rafael aprender. Diz que: *“eu pegava muito no pé dele, mas a psicóloga disse que, não era bom. Nossa no primeiro ano eu pegava muito no pé dele, hoje menos, não vai ajudar; ele fala que vai aprender com o tempo, mas, falo que tempo, vamos ver quando ele for maior, o que vai pensar porque está tendo uma oportunidade”*.

Beatriz afirma que conversa todos os dias com Rafael sobre suas notas, mas, não adianta, diz que o boletim: *“pegamos com a professora, converso com ele todos os dias sobre as notas, às vezes ele estuda sem eu ficar cobrando, ele gosta de jogar bola”*.

Pergunto para mãe de Rafael se seus filhos são diferentes afirma que: *“ah, na lição eu acho eles diferentes”*.

Com essas informações percebo que Beatriz cobra muito de Rafael um bom desempenho na aprendizagem. E o diferencia de sua filha, pela questão escolar é saúde, deixa claro que o estudo é muito importante, por ser uma oportunidade que ela e seu marido não tiveram.

Na fundamentação teórica deste trabalho, foi feita uma referência sobre o desejo dos pais no sentido de que seus filhos tenham estudo; com isso, ganhariam o poder de obter conquistas de uma maneira diferente daquela que foi vivenciada em suas vidas.

Nesses casos corre-se o risco de a aprendizagem ser um desejo do outro e não da própria pessoa, deixando de configurar um típico processo de individuação próprio, o que permite afirmar, como Sargo, a existência de um desvio nesse processo.

Realmente, Sargo (2000) ensina:

“Em Psicologia Analítica, as identificações com os familiares, na verdade, são as projeções maciças, que recebem o nome de Fenômenos das Depositações -são verdadeiras “maldições” inconscientes que desviam o processo de individuação da pessoa” (p.14).

Com essas manifestações, fica claro as comparações que a mãe de Rafael faz com ele e seus amigos; daí, a dificuldade de ver quais as características próprias de seu filho, retomando de forma freqüente um padrão de comportamento geral.

Levanto a hipótese que as expectativas (inconsciente) da mãe, da família sobre as capacidades de fracasso dele, levando a por exemplo, realizá-lo, isto é, apresentar mesmo mau desempenho, mas não por sua capacidade.

Já a relação de Rafael com seu pai é muito próxima; brincam muito, mas, infelizmente tem um contato maior, somente no fim-de-semana. Sua mãe diz: *“eles se dão bem, mas se vêm no fim-de-semana, porque quando chegamos em casa, ele já saiu pro trabalho e quando volta estamos dormindo”*.

Pergunto se existe alguma regra de comportamento em sua casa.

Beatriz afirma que: *“tem, hora de dormir, hora de comer, tem tudo, quando agente fala eles obedecem”*.

Diante de tais respostas, percebo que o arquétipo do pai foi internalizado de uma maneira positiva, pois, na casa de Rafael, existe uma rotina, um compromisso com o outro.

Como Brasil afirma: *“As características desse ciclo são: o compromisso com a palavra dada, a hierarquia, a obediência, o dever, a realidade objetiva, as colocações dos limites”* (p.45).

Escola:

A entrevista foi realizada na escola com a diretora e a professora do Rafael. Elas demonstram uma abertura para ser realizada uma parceria, que fica claro nesse fala: *“Que bom, que estão aqui, porque sozinha não damos conta de tudo, uma parceria é muito bom”*.

A diretora pontua que a escola tem período integral. É uma entidade filantrópica, que tem duas parcerias, uma com a Secretaria Municipal de Educação, portanto os professores são de rede pública e também com Centro para Crianças e Adolescentes (antigo Programa Sócio Educativo). Afirma que: *“Aqui funcionamos como uma escola particular. A postura educacional é diferente da rede pública, então reprova; Olhamos a auto-estima do aluno. Como a escola é pequena, consigo conhecer todos os alunos e saber o nome deles”*.

A professora diz que o Rafael é um menino tímido, que não se arrisca, não conversa com muitos colegas na sala de aula, afirma que: *“Minha sala, tem meninos com uma liderança alta, ele é um menino tímido, sempre se escondendo. No começo do ano não usava óculos até um dia que a mãe dele comentou comigo, comecei a lembrá-lo da necessidade do uso. Sinto que ele é um menino tímido, que não consegue se impor. Ah! Um mês está começando a conversar com os meninos. Percebo isso porque ele se levanta do lugar dele, atravessa a sala inteira, para pedir emprestado um lápis de cor, não posso chamar atenção. Porque percebo que é um movimento dele, está começando vencer etapa. No começo do ano, ele não sabia a página do livro que estávamos lendo, agora ele começa ajudar alguns amigos que estão perdidos”*.

Ao perguntar como é o Rafael na sala de aula, a professora afirma que: *“Ele tem uma leitura fraca, diante dos outros, mas, percebo que está melhor, a letra melhor, tinha vezes que não conseguia ler o que estava escrito, chamava ele para me ajudar, mas também não conseguia saber o que escreveu. Ele lê muito baixo, tem medo de errar é muito inseguro, não sabemos o que vamos fazer com o resultado final, mas ele está melhorando”*.

Em relação à matemática e português diz que: *“Na matemática, trabalhamos com o concreto usando, palito, tampa, garrafa é em grupo, procuro sempre misturar alunos que*

tem facilidade e outros que tem dificuldade, ele está com uma menina que força o raciocínio dele, então ela ajuda ele, fala para ele pensa de novo” .

Com essa posição, a professora descreve as características do Rafael e isso nos indica que existe uma relação de professor e aluno sendo construída de uma forma dialética, onde existe respeito em suas particularidades, a troca de conhecimento e algo presente, o arquétipo do mestre-aprendiz é vivenciado de uma maneira positiva.

A professora diz sobre sua postura com Rafael: *“Eu valorizo tudo que ele faz, mesmo você vendo que a nota seja ruim, mas tem horas que não posso dizer que o errado é certo; é um menino que tem potencial enorme, mas teve um bloqueio”*. Afirma também que: *“Como professora tenho que trabalhar com a autonomia, criança grudada, nos mundos de hoje, não tem cabimento. Ele não é da minha escola, da minha sala, ele é do mundo. Se ele estiver bem, acaba crescendo. Conteúdo para mim é o que menos me interessa o que quero e que ele esteja bem”*.

Byington (1996) afirma que:

“O desafio da profissão do professor, diante da bipolaridade do Arquétipo do Mestre-Aprendiz, é exercer o seu papel com seus atributos e responsabilidades e, ao mesmo tempo, estar aberto e vivenciar a bipolaridade deste Arquétipo na dinâmica do ensino” (p117/118).

Na postura da professora, fica claro que está percebendo a dificuldade que Rafael encontra com a aprendizagem, mas, pontua que o intuito dela, não é só passar o conteúdo e sim uma postura que acredita a melhor a ser seguida, nos dias de hoje. Como foi mencionado nesse trabalho, Jung pontuava que a escola não tem somente o papel de transmitir conteúdos, mas, também possibilitar que a criança não fique identificada com o papel que desempenha na família, mas que construa novas formas de se relacionar com o outro.

Jung (1986) afirma:

“O caso seria diferente se o importante fosse apenas meter as matérias de ensino metodicamente na cabeça das crianças. Isso representaria, no máximo, a metade da importância da escola. A outra metade é a verdadeira educação psíquica, que só pode ser transmitida pela personalidade do professor. A finalidade desta educação é conduzir a criança para o mundo mais amplo e desta forma complementar a educação dada pelos pais”(p.107)

Ao perguntar como era o envolvimento da mãe de Rafael com a escola a professora afirma: *“Fui falar com a mãe mais de seis vezes no portão, insistindo pra procurar uma psicopedagoga, no portão ela me disse [a mãe] se tem que reprovar reprova. Ela não deixou ele ir para o museu, o motivo para isso era que ela tinha gasto muito dinheiro, naquele mês, mas, isso não é desculpa porque a escola banca, depois ela disse que ele [Rafael] estava precisando de um castigo. Sinto ela um pouco lenta, parece que não quer aceitar a dificuldade”*.

Afirma que é necessário dizer para a mãe que se o Rafael não terminar a lição de casa na escola, o que é acompanhado por um professor, é necessário que faça em casa. Mas, ao longo da nossa entrevista, a professora mudou de idéia em relação a esse assunto afirmando que: *“O que pode acontecer é que o ritmo dele pode ser mais lento, assim não dando conta de terminar, tendo que fazer em casa e na sexta-feira pode levar o livrão pra casa. É o tempo dele desabrochar, não pressionar. Percebo que é uma mãe muito ansiosa do jeito que eles vivem, não podemos exigir nada, não sabemos, se tem uma mesa na casa pra fazer a lição de casa, é tão diferente a realidade que eles vivem que esquecemos de algumas coisas. Temos que conscientizar a família, que ele passa de ano, mas tem que continuar o trabalho [psicopedagógico]. Vejo que é uma família preocupada”*.

A professora percebe o quanto é difícil para a mãe conviver com essa dificuldade do filho; daí, a necessidade que temos de levar em consideração a realidade dessa família. Dessa maneira podemos perceber qual é a melhor maneira de cobrar certas atitudes.

Rafael fez, duas vezes, o primeiro ano e a diretora afirma que nessa época: *“Ele entrou aqui com sete anos de idade, na primeira serie, não sabendo nada, um menino muito calado demais, tímido, foi sendo alfabetizado, cresceu durante 2006, mas não no patamar das outras crianças, no final do de 2007e foi aprovado, sabendo que continuava com essa dificuldade, mas não seria bom repeti-lo novamente, por causa de sua baixa auto-estima”*.

Pergunto como foi o acolhimento da professora responsável do primeiro ano, a diretora afirma que: *“Ele ficou dois anos seguidos, com uma outra professora. Ele entrou sem saber nada, um menino apagado, fez de novo porque não estava alfabetizado. Sempre cobramos para mãe procurar ajuda externa da escola. Não posso negar, sei como é difícil para o professor. Agora a professora atual é bem mais preparada, valoriza os pequenos progressos é uma professora esclarecida”*..

Não temos informações de como foi o acolhimento de Rafael pela professora no seu primeiro ano; sabemos que a professora atual tem uma boa relação com ele, dessa maneira permitindo que Rafael consiga o seu espaço, suas conquistas na aprendizagem.

Conclusão:

Rafael foi um filho desejado, mas, teve provavelmente uma super proteção que o aprisionou refletindo no desenvolvimento do seu ego de modo a enfraquecê-lo, isto é,segundo a Psicologia Analítica, teve em parte uma mãe que o sufocou, que o paralisou, utilizando o excesso de afeto, para segurar esse filho em seus braços, passando uma mensagem inconscientemente para o Rafael de insegurança, fragilidade e dependência.

Percebo que em sua casa, o arquétipo do pai foi vivenciado de uma maneira positiva, onde se tem uma rotina a ser seguida e, mesmo na escola, não apresenta reclamações de seu comportamento em relação a transgredir as regras.

Como foi mencionado nesse trabalho, o arquétipo do mestre-aprendiz está presente quando há uma experiência de ensino, onde existe uma relação adequada entre partes. Vivenciado

de uma maneira positiva, quando se encontra uma igualdade e um respeito dos papéis exercidos e não de hierarquia, onde somente um tem o conhecimento do saber.

Byington (1996) afirma que:

“É a própria integração paulatina do Arquétipo do Mestre-Aprendiz que exige que o professor seja, também, aluno e que se deixe ensinar pelos alunos enquanto ensina. Surgem aí a humildade e a sabedoria do professor e, simultaneamente, a sua busca de se exercer como aluno na relação construtiva” (p.117).

Diante do relato da professora deduz-se que o arquétipo do mestre-aprendiz está sendo vivenciado de uma forma positiva indicando a existência de uma relação dialética. Acredito ser este um dos motivos do Rafael ter melhorado; sente-se mais seguro para poder arriscar. Não sabemos como foi a relação construída pela professora que ficou responsável anteriormente, pelo seu ensino (por dois anos), por esse motivo, não conseguimos aprofundar nessa relação específica.

4.Considerações Finais:

Como vimos os dois casos apresentados no trabalho envolvem crianças que estão encontrando dificuldade escolar, sendo atendidas no serviço da psicopedagogia, na Clínica Ana Maria Poppovic, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O atendimento teve início no segundo semestre de 2008.

O objetivo da pesquisa era verificar como as vivências na família e na escola estão ligadas à dificuldade de aprendizagem. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semi dirigidas, com base na metodologia seguida por Sargo (2000). Abordaram aspectos de cada padrão dos dinamismos matriarcal e patriarcal.

O ponto diferencial do trabalho está na entrevista com a coordenação e professora dos sujeitos com o intuito de perceber o olhar e o papel da escola na dificuldade de

aprendizagem. Essa abordagem se justificava de forma a construir o tripé da análise procedida: sujeitos, escolas e famílias.

No primeiro caso examinado, faltaram dados concretos sobre o primeiro ano de Gustavo, os pais sempre trabalharam fora e há indícios de que, no passado, pode ter ocorrido um afastamento de seus pais. Levanto, portanto, a hipótese que a família não tem regras, o que, por sua vez, indica que Gustavo têm uma ausência no atendimento das demandas dos arquétipos da Grande-Mãe e do Pai.

Não foi possível detectar nos pais de Gustavo um investimento emocional e intelectual de seus pais em relação ao filho.

A escola não permitiu que a entrevista realizada fosse publicada no trabalho, portanto, a análise tomou como base a fala da mãe de Gustavo. Diante dessa circunstância irremovível e daquilo que sua mãe relatou, permite-se identificar uma escola do tipo patriarcal, onde se tem uma hierarquia de saber, e fica claro uma vivência do arquétipo do mestre-aprendiz negativa. De fato, consta que a professora do primeiro ano de sua escolarização o “agredia” verbalmente, impossibilitando a aquisição do conhecimento.

Já no segundo caso, o sujeito é Rafael. É um menino muito tímido e inseguro. Com a entrevista com a mãe já pode -se perceber que ele pertence a uma família muito presente. Foi um filho desejado, mas, de outro lado, recebeu uma super proteção que acredito que tenha sido por conta da doença que ele desenvolveu quando bebê. Levanto a hipótese que isso o tenha “aprisionado”.

O relacionamento de Rafael com seu pai aparece de uma forma positiva e próxima; sua mãe pontua que existe regra na casa deles e são seguidas por Rafael constantemente. Não há também reclamações sobre seu comportamento na escola.

Dessa maneira levanto a hipótese que Rafael tem uma vivência do arquétipo do pai positiva.

Em relação à escola, os dados foram obtidos com a professora atual e a diretora. Percebe-se a existência de uma relação de respeito e carinho. Rafael tem vivenciado o arquétipo do mestre-aprendiz positivamente, mas ressalto que não temos dados fornecidos pela professora que o acompanhou por dois anos. Esse é justamente o marco temporal de identificação do começo da dificuldade de aprendizagem.

Diante desses dados, a pesquisa vem a confirmar o que Sargo (2000) pontuou. Isto é, as estruturas psíquicas dos sujeitos estão ligadas às experiências vivenciadas no início de suas vidas, dessa maneira, gerando obstáculos no desenvolvimento do ego.

Sargo (2000) afirma:

“Assim, as dificuldades de aprendizagem observadas pareciam estar, do ponto de vista emocionais, relacionadas à estruturação dos complexos maternos e paternos, ora por excesso, ora por falta de vivência dentro dos padrões requisitados pelo arquétipo da Grande-Mãe e do Pai, regem dos dinamismos matriarcal e patriarcal”.(p.129).

O que cabe ressaltar é a importância da entrevista realizada nas escolas dos sujeitos, pois, afinal a dificuldade de aprendizagem é ali desenvolvida. Logo, impossível excluí-la desse fenômeno.

Há diversos métodos de ensino que podem facilitar a remoção dessas dificuldades de aprendizagem, com o intuito de recuperar o que foi perdido.

Como afirma Teixeira (2008): *“Educar para Jung é um processo relacional, em que não é a ciência ou a técnica que contam, mas a personalidade do educador, pois o que está em jogo é a formação da consciência e da personalidade do educando”*. (p.26)

A escola é, portanto, o primeiro ambiente no qual a criança se encontra sozinha e com isso vivencia relações que são diferentes daquelas com as que se deparam no ambiente familiar.

Cabe ao professor proporcionar uma separação desse ambiente parental, como afirma Bettelheim“apud” Brasil (1989) : *“As primeiras experiências com a aprendizagem na escola, são freqüentemente, decisivas na formação da visão que a criança tem de si como parte da sociedade”* (p.64).

O caráter da relação que a criança estabelece com seus familiares e professores podem ter diversas conseqüências, inclusive a dificuldade de aprendizagem. Mas, esses sintomas são defesas que a criança desenvolve, para chamar atenção para o seu sofrimento. São reconhecidos como: incompetentes, burros, preguiçosos, desatento, bagunceiro.

O presente trabalho quis trazer uma contribuição para os pais e educadores que devotam uma preocupação com o aprender de suas crianças. É necessário pais que estejam presentes nas vidas de seus filhos, mas, que, ao mesmo tempo, permitam que cresçam, que vivenciem os erros e acertos no decorrer de seus comportamentos.

Quanto à escola, há necessidade de professores que permitam construir uma relação dialética com os alunos, que conheçam a história familiar de cada um e saibam lidar com suas particularidades e suas diferenças.

Bem por isso, o modelo de escola apropriado ao fim acima apontado deve implicar uma escola que permite que o aprender não se restrinja à memorização de conhecimentos. Exige-se mais. Pede-se um ensino mais “agressivo”, “ativo” e “participativo”. É necessário aprender vivenciando, tocando, ouvindo, cheirando e degustando o conhecimento.

É dessa forma que as pessoas vão paulatinamente vivenciando o seu cotidiano num contínuo e ininterrupto aprendizado capaz de traduzir afinal o acesso ao conhecimento, com a simultânea prevenção das dificuldades de aprendizagem encontradas atualmente com freqüência acima do desejável.

5.Referência Bibliográfica:

BOMBONATTO, Quézia. **Mensagens infantis indecifradas.** Revista *Ser Família*. São Paulo, abril de 2008.

BRASIL, Ângela Maria Regis Cavalcanti. **Fracasso escolar uma questão simbólica – estudo Analítico Junguiano dos dinamismos infantis na família, na escola e na cultura.** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

BYINGTON, Carlos Amadeu B. **Pedagogia Simbólica.**Rio de Janeiro (1996). Ed. Rosa dos Tempos.

FERNÁNDEZ Alicia. **A inteligência aprisionada, abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre (1991). Ed. Artmed.

FURLAMENTTO, Ecleide Cunici. **Uma tentativa de leitura simbólica da escola (1989),** Pontifícia Universidade católica de São Paulo

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da personalidade.** Petrópolis (1986). Ed. Vozes.

NEUMANN,Erich. **A criança estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação.** São Paulo (1991). Ed. Cultrix.

POLITY, Elizabeth. **Psicopedagógica um enfoque sistêmico terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem.** Ed. Estevão Lopes.

SILVEIRA, Nise. **Vida e Obra.** Rio de Janeiro (1997).Ed Paz e Terra

SARGO, Claudete. **O processo de aprendizagem e sua articulação com a dinâmica relacional entre pais e filhos um estudo a partir da Psicologia Analítica.** (2000), Pontifícia Universidade Católica.

SARGO, Claudete.**O berço da aprendizagem.Um estudo a partir da Psicologia de Jung** (2005). Ed. Ícone.

STEIN, Murray. **Jung O mapa da alma** (1998). Ed. Cultrix.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **O “pensamento pedagógico” de Jung e suas implicações para educação.** *Revista Educação especial: Biblioteca do Professor Jung Pensa Educação.* São Paulo, agosto de 2008.

WHITMONT, Edward C. **Retorno da Deusa** (1991). Ed. Summus.

6. Anexos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
R.G: _____, declaro que fui convidado a participar da pesquisa “A influência das histórias familiar e escolar na dificuldade de aprendizagem”, da pesquisadora Mariana Coelho Rodrigues, aluna da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Neste ato fui informado (a) que:

. A pesquisa, em linhas gerais, pretende compreender o papel da família e da escola no aparecimento de dificuldades de aprendizagem em crianças, com o intuito de avançar no conhecimento da área e propiciar melhor atendimento àqueles que apresentem dificuldades na aquisição de conhecimentos escolares;

. Minha participação é voluntária;

. Minha colaboração será feita por meio de participação em uma entrevista semi-dirigida, a ser gravada em áudio, que versará sobre o desenvolvimento de meu filho, seu processo de aprendizagem escolar e suas relações na família e na escola;

. Será assegurado a mim e a meu filho anonimato e sigilo das informações confidenciais obtidas na pesquisa e que o acesso e a análise dos dados coletados se fará apenas pela pesquisadora responsável e pela autora do trabalho;

. Poderei ter acesso às conclusões do trabalho, após sua finalização, se assim o desejar;

. Posso encerrar minha participação a qualquer momento, se assim o desejar;

. A pesquisa é orientada pela Prof Dra. Marilda de Oliveira Ribeiro, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário, por meio do telefone 3670-83-20 ou e-mail psicopuc@pucsp.br.

Foi-me garantido que, aceitando ou não dar a entrevista para qual fui convidada e permitindo ou não o acesso à escola de meu filho pela pesquisadora, ser-me-á garantida a assistência que necessitar, na Clínica Ana Maria Poppovic, respeitando o fluxo habitual de atendimento dos pacientes desta instituição, bem como que, durante minha colaboração no trabalho, ficarei isenta de qualquer forma de pagamento.

Com base nas informações acima, afirmo que concordo em participar desta pesquisa e que pesquisadora principal me ofertou uma cópia assinada desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

São Paulo, de, de 2008

Assinatura do (a) participante (a)

Assinatura do (a) pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
R.G: _____, declaro que fui convidado a participar da pesquisa “A influência das histórias familiar e escolar na dificuldade de aprendizagem”, da pesquisadora Mariana Coelho Rodrigues, aluna da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Neste ato fui informado (a) que:

. A pesquisa, em linhas gerais, pretende compreender o papel da família e da escola no aparecimento de dificuldades de aprendizagem em crianças, com o intuito de avançar no conhecimento da área e propiciar melhor atendimento àqueles que apresentem dificuldades na aquisição de conhecimentos escolares;

. Minha participação é voluntária;

. Minha colaboração será feita por meio de participação em uma entrevista semi- dirigida, a ser gravada em áudio, que versará sobre o desenvolvimento do aluno, seu processo de aprendizagem escolar e suas relações na família e na escola;

. Será assegurado a mim e a escola anonimato e sigilo das informações confidenciais obtidas na pesquisa e que o acesso e a análise dos dados coletados se fará apenas pela pesquisadora responsável e pela autora do trabalho;

. Poderei ter acesso às conclusões do trabalho, após sua finalização, se assim o desejar;

. Posso encerrar minha participação a qualquer momento, se assim o desejar;

. A pesquisa é orientada pela Prof Dra. Marilda de Oliveira Ribeiro, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário, por meio do telefone 3670-83-20 ou e-mail psicopuc@pucsp.br.

Foi-me garantido que, aceitando ou não dar a entrevista para qual fui convidada e permitindo, ser-me-á garantida a assistência que necessitar, na Clínica Ana Maria Poppovic, respeitando o fluxo habitual de atendimento dos pacientes desta instituição, bem como que, durante minha colaboração no trabalho, ficarei isenta de qualquer forma de pagamento.

Com base nas informações acima, afirmo que concordo em participar desta pesquisa e que pesquisadora principal me ofertou uma cópia assinada desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

São Paulo, de, de 2008
Assinatura do (a) participante (a)

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Termo de Compromisso do pesquisador

Pesquisa: As influencia das historias familiar e escolar na dificuldade de aprendizagem.

Os pesquisadores, abaixo assinados, se comprometem a:

Atender os deveres institucionais básicos da honestidade; sinceridade; competência; da discrição;

- Pesquisar adequada e independente, além de buscar aprimorar e promover o respeito à sua profissão;
- Não fazer pesquisas que possam causar riscos não justificados às pessoas envolvidas;
- Não violar as normas do consentimento informado;
- Não converter recursos públicos em benefícios pessoais;
- Não prejudicar seriamente o meio ambiente ou conter erros previsíveis ou evitáveis;
- Comunicar ao possível sujeito todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado;
- Propiciar ao possível sujeito pela oportunidade e encorajamento para fazer perguntas;
- Excluir a possibilidade de engano justificado, influência indevida e intimidação;
- Solicitar o consentimento apenas quando o possível sujeito tenha conhecimento adequado dos fatos relevantes e das conseqüências de sua participação e tenha tido oportunidades suficiente para considerar se quer participar;
- Obter de cada possível sujeito um documento assinado como evidência do consentimento informado; e
- Renovar o consentimento informado de casa sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa.

São Paulo, de de 2008 .

Pesquisador responsável

Orientador